



EXISTÊNCIAS DE CRIANÇAS E INFÂNCIAS NEGRAS: MOVIMENTOS DE UM EDUCAR E PESQUISAR ANTIRRACISTA

Flávia de Jesus Damiano¹

Lucimar Rosa Dias²

Maria Clareth Gonçalves Reis³

Os Ibejis enganam a morte⁴

Os Ibejis, os Orixás gêmeos, viviam para se divertir.
Eles eram filhos de Oxum e Xangô.
Viviam tocando uns pequenos tambores mágicos,
que ganharam de presente de sua mãe adotiva, Iemanjá.
Nessa mesma época, a IKu, a morte colocou armadilhas
em todos os caminhos e começou a comer todos os humanos
que caíam na suas arapucas.
Homens, mulheres, velhos ou crianças,
ninguém escapava da voracidade de IKu, a Morte.
O terror se alastrou entre os humanos.
Sacerdotes, bruxos, adivinhos, curandeiros,
todos se juntaram para pôr um fim à obsessão de IKu.
Mas todos foram vencidos.
Os humanos continuavam morrendo.
Os Ibejis, então, armaram um plano para deter IKu.
Eles tocariam para Iku dançar.
Se revezando entre a estrada e o mato, sem ela saber.

¹ Doutora em Difusão Conhecimento (DMMDC); Mestre em Educação- UFC; Especialista em Educação Infantil –UNEB; Graduada em Pedagogia UFBA. Professora de Educação Infantil na Creche da Universidade Federal da Bahia. E-mail: afroflaviadamiao@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8015-7280>

² Doutora em Educação pela USP. Mestre em educação pela UFMS. Docente da Universidade Federal do Paraná do curso de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação para as Relações Étnico-raciais ErêYá. Vice-líder do grupo OCUPP OCUPP - Observatório de Culturas e Processos Políticos-Pedagógicos atualizou o endereço. Membro do Comitê Científico do GT21 da Anped. E-mail: lucimardias1966@gmail.com Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-1334-5692>

³ Professora Associada do Laboratório de Estudos de Educação e Linguagem (LEEL) e do Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais (PPGPS); coordenadora do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI) da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Coordenadora da Área Científica *Quilombos, Territorialidades e Saberes Emancipatórios* da ABPN. E-mail: clareth@uenf.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5165-0239>.

⁴ Itan do Odu Ifá Otura Di



O Ibeji que ia pela trilha ia tocando seu pequeno tambor.
Tocava com tanto gosto e maestria
que a Morte ficou maravilhada,
não quis que ele morresse
e o avisou da armadilha.
IKu se pôs a dançar inebriadamente,
enfeitiçada pelo som do tambor do menino.
Quando o irmão se cansou de tocar,
o outro, que estava escondido no mato,
trocou de lugar com o irmão.
E assim um irmão substituíu o outro
e a música jamais cessava.
E IKu dançava sem fazer sequer uma pausa.
IKu, ainda que estivesse muito cansada,
não conseguiu parar de dançar.
E o tambor continuava soando seu ritmo irresistível.
Iku já estava esgotada
e pediu ao menino que parasse a música por uns instantes,
para que ela pudesse descansar.
Iku implorava, queria descansar um pouco.
Os Ibejis então lhe propuseram um pacto.
A música pararia,
mas Iku teria que retirar todas as armadilhas.
Iku não tinha escolha, rendeu-se.
Os gêmeos venceram.
Foi assim que os Ibejis salvaram os homens
e ganharam fama de muito poderosos,
porque nenhum outro orixá conseguiu ganhar
aquela peleja com a Morte.
Os Ibejis são poderosos,
mas o que eles gostam mesmo é de brincar.

Ao som dos pequenos tambores dos Ibejis, buscamos afastar a morte que viceja no Brasil e no mundo nestes tempos de pandemia de COVID-19. Inspiradas no movimento corajoso, lúdico e comprometido dos Ibejis, gêmeos sagrados para religiões de matriz africana e afro-brasileira, convidamos todas e todos a criarmos, junto com nossos bebês e crianças negras, ações e estratégias coletivas que afastem a morte que ronda e assola a população negra brasileira, neste, e em tempos passados.

Seduzidas pela sabedoria ancestral dos gêmeos sagrados, nós – organizadoras e autoras, a maioria mulheres negras - aceitamos a tarefa de construir o presente dossiê, “Crianças e infâncias negras: desafios e perspectivas antirracistas no Brasil”. Ele se configura como uma singela, mais compromissada afirmação da importância e beleza da vida de bebês, meninas e meninos negros brasileiros e teve como objetivo foi conhecer a produção que se realiza em pesquisas e práticas que contemplam as infâncias e as crianças negras para que nos aproximemos dos desafios para a constituição de uma educação antirracista que dialogue com as especificidades de um grupo social, tão importante.

Os artigos vão discutir a produção de mulheres negras, pautando as crianças e infâncias negras, seja reivindicando o lugar desses sujeitos em pesquisas acadêmicas, seja



apresentando conceitos construídos por elas. Destacam também práticas necessárias e experiências desenvolvidas com e para as crianças negras, a fim de contribuir com elas nos processos de elaboração de suas identidades e pertencimento étnico-racial de modo a valorizarem sua estética, cultura e história afro-brasileira e africana. Alguns trabalhos refletem sobre as normativas que obrigam o trabalho institucional e o compromisso de todos/as os/as profissionais da educação em produzir uma educação antirracista e denunciam o racismo presente nas vivências das crianças que ocorrem por distintas vias, nas imagens, brincadeiras, nas práticas religiosas. Há também artigos que, de modo alvissareiro, anunciam a literatura em si, bem como o trabalho comprometido com a literatura, pode possibilitar às crianças negras vivências fundamentais para o pleno desenvolvimento e às crianças brancas ferramentas para pensarem a si mesmas a partir de uma perspectiva distinta da branquitude normativa.

Como já dissemos o dossiê chega em um momento histórico, no qual a morte está, como no Itan do Odu Ifá Otura Odi, ceifando milhares de vidas no país. A crise sanitária gerada pela COVID-19 - teve início na China em fins de 2019, se espalhou para todo o mundo em 2020 tornando-se pandemia - aterrissou no Brasil e encontrou, nessa terra, um contexto político e econômico favorável à sua ação em parte em decorrência do modo como o atual governo federal se comporta em relação a pandemia; de modo irresponsável. Tal comportamento, próprio de quem defende uma perspectiva de extrema direita e ultraliberal, considera a morte de pessoas pobres, negras e indígenas como parte de sua política motriz.

A ausência de medidas efetivas de proteção às pessoas socialmente vulneráveis afetou sobremaneira às crianças e infâncias negras, afinal são às famílias negras que tiveram as condições de vida mais precarizadas com advento da pandemia e com ausência de políticas públicas abrangentes. Até o momento de conclusão deste texto, os meios de comunicação anunciavam cerca de 110 mil mortes geradas pelo novo corona vírus (SARS-CoV-2) no país.

A política de morte instituída pelo Estado brasileiro, ao longo da nossa história, para com a população negra pode ser nomeada de racismo. O racismo tem como fundamento ideológico a concepção da superioridade e inferioridade de grupos de pessoas ou indivíduos em função da raça ou origem. Para Joel Rufino (2010), “o racismo é um fator estrutural, está na própria essência da formação da sociedade brasileira” (p.24). Para

combatê-lo é preciso conhecer a formação da sociedade em todas as esferas (econômica, política, educacional, cultural etc.).

Neste sentido, o racismo no Brasil funda e sustenta todas as dimensões da organização social do país. Ele não é adendo, ele é a matriz sobre a ideia de como a nação brasileira se forma e se atualiza através dos tempos. Deste modo, o racismo modula: desde as relações subjetivas, interações com as outras pessoas; à produção de conhecimento e bens culturais; o acesso aos espaços de poder; o gozo de bens sociais como moradia, educação, saúde; e acesso e usufruto de bens políticos e econômicos. As diferentes frentes de atuação do racismo, acima apontadas, incidem sobre a população negra negando sua humanidade, cerceando direitos, e restringindo o gozo à vida plena.

Um dos campos de atuação do racismo na sociedade brasileira está ligada a produção e difusão de conhecimento e saber no âmbito das universidades, também chamada por nós de academia. Boaventura de Sousa Santos (2010), utiliza o termo “epistemicídio” para dizer que há uma destruição das formas de conhecimento e culturas que não são originadas pela cultura ocidental branca. O epistemicídio demonstra que o racismo se manifesta na produção intelectual, negando a capacidade de produção de conhecimentos por e para pessoas negras. Assim, o racismo epistêmico, presente na estrutura acadêmica brasileira, interfere na produção científica gerada nestes espaços em relação à população negra. Como integrantes do povo negro, as crianças negras também são alcançadas por este tipo de racismo epistêmico.

Na agenda científica brasileira, mesmo na área das ciências humanas, ainda graça concepções de crianças negras bem como de suas infâncias, baseadas no signo da inferioridade, da falta, do risco, do perigo – todas imagens em negativo. Desde as relações cotidianas e subjetivas até as pesquisas e estudos científicos, as crianças negras são pouco consideradas a partir de referentes epistemológicos do seu universo cultural primeiro, qual seja africano e afro-brasileiro. Antes, este grupo é submetido a uma interpretação comparativa ao modelo universal de criança, qual seja; a criança branca pequena burguesa e europeia. E, no processo de comparação, as crianças negras são inferiorizadas, estigmatizadas e discriminadas também na área da produção científica brasileira.

Mas, como Sueli Carneiro (2005) tão bem apontou, a produção do dispositivo de biopoder/racialidade, aliado ao conceito de epistemicídio, não é um projeto totalmente



consolidado. Para toda esta engrenagem racista há uma reação que resiste e produz novas formas de vida.

Desafiando o predomínio de estruturas cognitivas racistas - ainda hoje presente na universidade brasileira - que enxergam bebês, meninas e meninos negros como problemas sociais, é que gestamos, parimos e apresentamos o presente dossiê. Nesse sentido, ele se destina a difundir pesquisas, estudos e produções que versam sobre crianças e infâncias negras no Brasil, com foco principal na área educacional.

Por bebês e crianças negras, compreendemos o conjunto de meninas e meninos de 0 a 12 anos de idade que integram a população negra. E, quando nos referimos a infâncias negras, estamos considerando esta como uma categoria social.

Quando falarmos em bebês e crianças negras estamos nos referindo ao conjunto de pessoas de 0 a 12 anos, pretos e pardos, que integram a população negra, junto a outros grupos etários. Para nós - bebês e crianças negras - são pessoas partícipes da construção de si, do mundo e da vida coletiva. Neste sentido, nos relacionamos com elas a partir da percepção de que são produtoras de cultura e de conhecimento, por meio das relações e interações que estabelecem entre si, mas também com outros grupos geracionais - jovens, adultos e idosos - nos diferentes contextos que vivem e participam.

Inspiradas nos estudos da Sociologia da infância, falamos desse contingente populacional no plural - bebês e crianças negras, pois compreendemos que não há um modelo único de ser bebê e criança negra. Há bebês e crianças negras pobres, mas há também uma parcela deles que compõe a classe média e, até mesmo a classe mais abastada. Há bebês e crianças negras que residem na cidade, outras na zona rural. Na cidade, há aquelas que moram nas ruas com suas famílias, outras moram nas periferias, e há as que residem nas zonas mais centrais das cidades, por exemplo.

As variáveis acima apontadas, e inúmeras outras, vão compondo diferentes modos de ser bebês e crianças negras. No entanto, como estamos no Brasil, compreendemos que o marcador étnico-racial - são bebês e crianças negras - marca de modo preponderante e negativo a existência deste grupo, em virtude do racismo que elas estão sujeitas a sofrerem em função do pertencimento étnico-racial.

Ainda dialogando com a abordagem da Sociologia da Infância, quando nos referimos à infâncias negras, estamos considerando esta como uma categoria social. Ou seja, consideramos que todo o contingente de bebês e crianças negras - a despeito de suas



múltiplas existências - integram uma categoria geracional específica: a das infâncias negras! Essa categoria geracional é diferente da categoria Juventude negra, por exemplo. Colocamos no plural, infâncias negras para assinalar que mesmo no âmbito da categoria social, há uma heterogeneidade de possibilidades de viver as infâncias negras. A infância negra das crianças que integram os assentamentos do MST é uma. A infância negra das que vivem em condomínios de luxo é outra. A infância negra das crianças que moram em terreiros de Candomblé é outra experiência, e, assim sucessivamente.

Em síntese, ao colocarmos no plural, bebês e crianças negras, bem como infâncias negras, buscamos escapar da cilada do pensamento científico-positivista moderno, que ainda hoje, sobredetermina parcela expressiva dos trabalhos realizados nas universidades do país acerca das crianças e infâncias. Um pensamento que opera a partir da eleição de um modelo único e verdadeiro de criança e infância: criança branca de origem europeia e depois estadunidense, e de infância como período de vida. Modelo esse ao qual todas as demais formas de ser crianças e viver a infância são colocados em perspectiva comparativa e hierarquicamente classificados como inferiores.

Gostaríamos de frisar que a transformação nos modos de nos relacionarmos, de educarmos e de pesquisarmos com crianças negras pequenas e suas infâncias é um modo de transformação política que visa a emancipação e o bem viver. Este posicionamento é a um só tempo, político e epistêmico e tenciona construir escritas e projetos de vida que disputam a realidade eivada de concepções racistas que circula no fazer das pesquisas nas ciências humanas no Brasil e nas práticas educacionais.

Esperamos que a leitura dos artigos que se seguem nos conectem e sejam pontos de continuidade da luta por uma sociedade outra em que crianças negras cresçam e vivam plenamente na inteireza e completude.

O artigo apresentado por *Flávia de Jesus Damião*, denominado “**Intelectuais negras na academia e crianças negras: produção de conhecimento como assuntos de vida**”, compartilha uma pesquisa teórica realizada no doutorado sobre os sentidos epistêmicos e políticos da produção de conhecimentos, elaborados por intelectuais negras, na academia, alusivas às crianças negras e suas infâncias. A autora propõe um diálogo com referências teóricas dos campos das Relações Étnico-Raciais no Brasil, do Feminismo Negro e da Sociologia da Infância.



Ao descrever sobre o tema, *Flávia Damião* afirma enfaticamente que, para ela as “crianças negras pequenas não são percebidas como um ‘tema de estudo’, um ‘problema social’, um ‘problema dos negros’. Crianças negras e suas infâncias são acolhidas como assunto de vida!”, por ser algo que diz respeito a toda a sociedade brasileira. A autora defende a inserção de experiências das mulheres negras na produção do conhecimento acadêmico acerca das crianças e infâncias negras. E, a partir desta compreensão, apresenta a atuação de intelectuais-pesquisadoras-ativistas na discussão que envolve crianças negras, no contexto acadêmico.

O texto **“RPG girassóis: epistemologias acadêmicas negras para os fundamentos da educação infantil”**, produzido pelas autoras *Ellen Gonzaga Lima Souza e Núbia Cristina Sulz Lyra Correa* discorre sobre a criação de um jogo *Role-Playing Game* (RPG) que busca destacar conceitos apresentados por pesquisadoras negras que também se colocam como ativistas no combate ao racismo e atuam em espaços acadêmicos, na área educacional. De acordo com as pesquisadoras o jogo “desdobra-se no afrocentricidade descrita por Mazama (2009, p. 117): ‘centralidade na comunidade; respeito à tradição; alto nível de espiritualidade envolvimento ético; harmonia com a natureza; natureza social da identidade individual; veneração dos ancestrais e unidade do ser’”.

Conforme descrevem as autoras, cada carta do RPG Girassóis apresenta uma discussão teórica e sua contribuição no debate sobre a educação para as relações étnico-raciais; ao mesmo tempo, evoca princípios que valorizam a “circularidade, cooperatividade, traduzindo conceitos como: pensar negro/pensar comunitário; justiça curricular/coerência pedagógica; reencontro à infância negra/sororidade e lógica exúlica/brincar na África mítica, de forma lúdica que serão desenvolvidos ao longo do texto.”

No artigo **“Educação das Relações Étnico-Raciais na Educação Infantil: caminhos necessários para uma educação antirracista”**, a autora *Flávia Carolina da Silva* aponta alguns caminhos para trabalhar com a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) na Educação Infantil. Apresenta uma discussão em torno da importância da inserção da ERER na educação infantil. Dá destaque à formação de professores/as e à importância de abordar a ERER com as crianças menores, não apenas com a intenção de cumprir as deliberações legais, mas visando a garantia de um desenvolvimento pleno,



com qualidade para todas as crianças. Profissionais que atuam em instituições de educação infantil precisam compreender como as desigualdades raciais se estabelecem na sociedade. Assim, poderão contribuir com a “garantia e o direito de crianças negras serem representadas nos diversos meios midiáticos presentes nas instituições educacionais”, como afirma a autora.

Por se tratar da educação infantil, *Flávia Carolina*, ressalta a importância da utilização da brincadeira e do jogo no cotidiano escolar. Para a autora, esta iniciativa pode ser uma forma prazerosa para trabalhar educação e relações étnico-raciais com crianças, contribuindo, inclusive, com a efetivação de normativas legais que tratam da questão. Por fim, a autora conclui o seu texto reafirmando a importância da inserção das questões étnico-raciais na educação infantil por meio de ações e atitudes que promovam a igualdade racial.

O autor *Antonio Matheus do Rosário Corrêa* e autora *Raquel Amorim dos Santos* no texto: “**O estado da arte sobre crianças negras em produções da Anped (2007-2019)**” cujo interesse tem origem em pesquisas preliminares para dissertação de mestrado no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes da Amazônia (PPLSA) da Universidade Federal do Pará (UFPA) discorre sobre as características deste tipo de pesquisa para depois indicar a pergunta orientadora da pesquisa, que foi “[...] qual a presença da temática *crianças negras* em produções científicas de Grupos de Trabalho da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação?”. A partir desta indagação, o autor e a autora privilegiaram os GTs 07 – Educação de Crianças de 0 a 6 anos, 13 – Educação Fundamental e 21 – Educação e Relações Étnico-Raciais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – Anped, por reconhecer a Associação como espaço de pesquisa orientada pelos princípios da participação democrática, liberdade e justiça social. Sendo, assim lhes interessou investigar como a criança negra se apresentava em pesquisas selecionadas pelos três Gts supracitados.

Ao analisar a produção encontram 589 artigos e, dentre estes, 17 mencionam as crianças negras. Estes foram organizados em cinco categorias: a) categoria história da infância das crianças negras, b) As políticas públicas e práticas pedagógicas com crianças negras, c) A respeito da construção de identidades raciais de crianças, d) A educação escolar de crianças quilombolas e, por fim, e) Sobre as crianças negras e suas relações



étnico-raciais. As temáticas são analisadas à luz do dialogismo discursivo de Bakhtin (2011). Concluem o autor e a autora que, dentre os investigados, o GT21 é o que mantém certa regularidade de pesquisas com o tema: crianças negras. Por fim, indicam a necessidade de mais pesquisas sobre o assunto nos diferentes Gts.

O texto de *Cristina Teodoro* “**A constituição de corpos negros em espaços de educação infantil: o lugar da identidade e do pertencimento étnico-racial**”, inicialmente discorre sobre o papel da educação infantil para o desenvolvimento da criança e a conquista desta etapa educacional como uma política fundamental. Discute a importância de pensar a infância como uma categoria estrutural e ressalta que nem sempre a oferta deste serviço tratou todas as crianças igualmente, sendo que as crianças negras estavam/estão submetidas a situações de racismo por diferentes formas: seja pelas condições socioeconômicas, seja pelos modos que o cuidar-educar são realizados para e com essas crianças. As autoras alertam-nos sobre o quanto a educação infantil, como oferta de política pública deixa a desejar, quando se trata do respeito à diversidade étnico-racial e à importância desta perspectiva estar presente nas práticas da infância, pois as crianças desta etapa estão atribuindo sentidos e significados ao seu pertencimento étnico-racial e não se atentar a isso é descumprir a legislação que prevê “a oferta de educação de qualidade e de condições igualitárias à todas as crianças”.

O artigo “**Práticas pedagógicas: arte/ educação infantil na perspectiva étnico-racial**” de *Bruno Marcelo de Souza Costa, Piedade Lino Videira, Enilton Ferreira Vieira e José Gerardo Vasconcelos*, apresenta reflexões sobre o campo da Educação para as Relações Étnico-raciais (ERER) na medida em que escolhe um componente pedagógico – a arte – e a partir dele desenvolve experiências formativas com alunos e alunas de um curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amapá - Unifap, tendo como referência a produção de teóricas que trataram de educação, infância e relações étnico-raciais, de estudiosos do campo racial e das normativas legais que orientam a perspectiva da educação antirracista.

Foram várias atividades realizadas, porém, para este artigo, escolheram apresentar o plano de trabalho que tratou de literatura infantil. O destaque foi dado aos depoimentos dos/as estudantes participantes que expressam como estas vivências lhes possibilitaram refletir sobre princípios necessários para o desenvolvimento de práticas antirracistas com crianças pequenas, bem como, os futuros profissionais puderam



repensar suas próprias concepções sobre os temas que o campo envolve e o mais importante, em diálogo com as crianças de 4 a 6 anos participantes das atividades. Em relatos reflexivos sobre as atividades há referências de crianças dizendo que uma pessoa negra não poderia ser princesa e, quando indagadas pelos motivos respondiam: “Por que não! ” e após práticas desenvolvidas mudaram seus modos de ver a realidade e expressaram de modo enfático: “Você pode ser uma princesa! Você é linda! ”. Ao concluírem, os/as autores/as reiteram a importância de incluir na formação de futuros professores/as a discussão e ações práticas relativas à EREER.

A produção de *Thaís Regina de Carvalho e Eduarda Souza Gaudio*, sob o título “**A literatura afro-brasileira na primeira infância: por uma educação das relações étnico-raciais**”, apresenta a literatura afro-brasileira para a infância, enfatizando a escrita produzida por negros e negras, como um meio potencializador para a constituição de identidades afirmativas das crianças negras. Para alcançar o objetivo do artigo, que foi analisar uma obra de literatura infantil afro-brasileira com foco nas formas de ser e viver uma infância negra, as autoras elegeram o livro “*Azizi, o presente precioso*”, escrito pela professora e pesquisadora Lucimar Rosa Dias.

Com base em estudos da literatura infantil e relações raciais, as autoras apontam que o processo metodológico de escolha do livro analisado orientou-se a partir dos critérios: presença de personagens negros e negras; importância dos personagens negros/as e brancos/as ao longo da história; ilustrações com aspectos que valorizem a cultura africana e afro-brasileira; qualidade estética e literária; enredos sobre as vivências de personagens negros/as e; por fim, as relações e trocas dos/as personagens ao longo do livro.

Thaís Regina de Carvalho e Eduarda Souza Gaudio apontam que o livro em questão cumpre com o propósito de ser potencializador de uma prática antirracista na infância. E, consideram a literatura afro-brasileira, escrita por negras, como forma de possibilitar o reconhecimento e a valorização das histórias das crianças negras, contribuindo positivamente com a constituição de suas identidades.

Intitulado “**Entre colos e afetos: a hora e a vez dos bebês na literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira**”, o artigo de *Sara da Silva Pereira e Lucimar Rosa Dias* discute a presença de bebês na literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira. As autoras situam a discussão teórica acerca dos bebês a partir

da perspectiva da Sociologia da Infância, em articulação com a literatura infantil e as relações étnico-raciais.

Na parte empírica do trabalho, as autoras realizam a análise de três livros de literatura infantil que tem bebês negros como protagonistas e que foram escritos por mulheres negras, a saber: Tanto, Tanto (COOKE, 2008), É o aniversário do Bernardo! (ROSA, 2015), Cheirinho de neném (SANTANA, 2011). Inicialmente, são apresentadas as autoras dos livros e, em seguida, os livros passam a ser analisados.

Ao final do estudo, *Sara da Silva Pereira e Lucimar Rosa Dias*, afirmam que ainda há pouca produção na literatura de temática africana e afro-brasileira que apresente bebês negros e, sobretudo, que estes sejam figurados como protagonistas das histórias. Em relação aos três livros analisados, as autoras avaliam que eles apresentam elementos de editoração, texto e imagem, que acolhem representações positivas dos bebês negros. “A páginas dos livros de literatura também são lugares de bebês – meninos e meninas negras – protagonizando história em que suas vozes reverberem seus medos, angústias e alegrias, nas palavras e nas imagens, com qualidade estética e ética”, concluem as autoras.

“**Crianças negras nas ilustrações de Josias Marinho**”, artigo produzido por *Mariana Silva Souza e Débora Cristina de Araujo*, discute a representatividade de personagens negras, especialmente crianças, em obras literárias infantis ilustradas por Josias Marinho. Para tanto, mobilizam discussão teórica desde os campos da Educação das Relações étnico-raciais, da Infância e Literatura infantil.

Os procedimentos metodológicos do estudo centraram-se na análise da ilustração propriamente dita e na sua relação com o texto verbal. As autoras examinaram três livros ilustrados e/ou escritos e ilustrados por Josias Marinho, artista e professor nascido em Rondônia. Dentre os livros eleitos para análise, duas obras foram de exclusiva autoria “O príncipe da beira” e “Benedito” do ilustrador. No terceiro livro, Marinho foi o ilustrador “Ômo-Obá: histórias de princesas”, de Kiusam de Oliveira.

No final do artigo, *Mariana Souza e Débora Araújo* defendem que o texto visual é um elemento importante para a formação das crianças no contexto brasileiro. Para as crianças negras, as ilustrações positivas contribuem para o fortalecimento de suas identidades. Para as crianças brancas, tais ilustrações ofereceriam condições de ver, nos livros, representações afirmativas de outros grupos étnico-raciais. Neste contexto, asseveram que as produções de Josias Marinho trazem representações positivas de



personagens negras, uma vez que acolhem as ações de cada protagonista, bem como suas características e contextos.

O artigo “**Leitura deleite, educação das relações étnico-raciais nos anos iniciais durante o ensino remoto**”, escrito por *Leocardia Cristina Reginaldo da Cruz e Jaqueline Ferreira Justino*, apresenta uma sequência didática realizada, nos meses de junho e julho de 2020, durante as atividades do ensino remoto em uma escola do ensino fundamental I, advinda da parceria entre uma professora de 3º ano e a coordenadora da escola utilizando o livro “*Cada um do seu jeito, cada jeito é de um*”, escrito por Lucimar Rosa Dias (2012). Para desenvolver as atividades propostas nesta sequência elas utilizam rodas de conversa e atividades interdisciplinares. No decorrer do texto, as autoras apresentam uma abordagem sobre a necessidade de o espaço escolar ser um ambiente com práticas pedagógicas antirracistas. Apontam, ainda, as orientações contidas nas Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 e no Parecer 003/2004 que institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana como instrumentos que precisam ser, efetivamente, materializados.

Leocardia Cruz e Jaqueline Ferreira descrevem, minuciosamente, todo o planejamento da sequência didática desenvolvida a partir do livro “*Cada um do seu jeito, cada jeito é de um*”. Em uma das atividades síncronas realizadas, a autora Lucimar Rosa Dias foi convidada para participar de uma roda de conversa com a turma sobre o livro, para sanar possíveis dúvidas, bem como trazer referenciais de representatividade negra aos estudantes. Por fim, as autoras constataam que houve avanços significativos neste processo de formação leitora, especialmente, em relação ao aumento da autoestima dos estudantes por meio da afirmação de identidades. Acreditam, ainda, que há necessidade de trabalhos que contemplem a temática étnico-racial ao longo de todo o Ensino Fundamental.

A autora *Amanaiara Conceição de Santana Miranda*, em seu artigo “**Relações de gênero e étnico-raciais: uma perspectiva interseccional na educação infantil**” **relata** a experiência de uma pesquisa realizada em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), no bairro da Boca do Rio, na cidade do Salvador – BA com colaboração de crianças de 3 a 5 anos de idade, cujo objetivo foi compreender as experiências vividas pelas crianças. A pesquisa foi realizada adotando, segundo a autora, uma postura filopoética, conceito cunhado por Santos e Oliveira, (2020) e referenciada na “cosmopercepção” da nigeriana Oyewùmí. Nesse sentido, o texto descreve ações empreendidas pela pesquisadora para “mexer” com o imaginário das crianças ao desenvolver o projeto “Sou bonita/o desde que eu nasci”, apresentando a elas “outras paisagens” caracterizadas pela pesquisadora como antissexistas e antirracistas.



De acordo com a autora estas experiências desenvolvidas com as crianças são ações descolonizadoras e ocorrem por meio do brincar. Ela realizou duas situações didáticas. Na primeira ela apresentou às crianças a música “*Menina Pretinha*”, de autoria da MC Soffia, a letra desta música valoriza a estética negra e fala de uma boneca chamada Makena. Depois, de explorar ludicamente a música a pesquisadora trouxe para a turma uma boneca negra em referência a citada na música. Durante este processo, a pesquisadora dialoga com as crianças sobre suas identidades de gênero e raça; algumas delas disseram que não estavam de acordo com o fato de meninos poderem brincar com bonecas; outra criança, uma menina negra, demonstrou desconforto ao se relacionar com uma boneca negra durante a atividade.

De acordo com a autora, tais fatos indicam a necessidade e importância da educação trazer novas possibilidades de construir imaginários que dialoguem com referências positivas da cultura negra. *Amanaiara Conceição* relata que, quando isso ocorre, rápidas mudanças acontecem como revela a expressiva fala de uma das crianças: “ – A boneca Makena é linda que nem você, minha pró. Eu quero que minha irmãzinha, que vai nascer da barriga da minha mãe, seja igual a ela. ” O que permitiu à autora concluir que a “prática educacional pode transformar e revolucionar a vida cotidiana a partir de pequenos atos perante suas famílias. ”

Neste artigo “**A influência do outro na construção do olhar: cabelo crespo, infância, gênero e raça**”, as autoras, *Aline de Oliveira Braga e Maria Alice Rezende Gonçalves*, por meio da análise fílmica de produção venezuelana intitulada *Pelo Malo*, discutem as experiências vividas por um menino negro para constituir sua identidade racial em contexto racista que valoriza a estética branca. Analisam ainda as simetrias e assimetrias que perpassam as identidades infantis, considerando o gênero e a classe social. O foco principal é um menino negro que deseja alisar seu cabelo, pois só assim ele acredita que poderá ser um cantor de sucesso. E, nesta busca ele encontra respaldo na avó que o apoia, pois deseja conquistar sua amizade. Já a mãe é provocada por esta atitude que lhe parece estranha, pois associa o alisamento à atitude feminina.

As autoras analisam o filme discutindo o conceito de interseccionalidade e como, desde a infância, o racismo, a classe e o gênero são variáveis importantes na construção da identidade. Mostram como as crianças refletem sobre estas variáveis, atuando, às vezes, no sentido de modificar características do seu corpo, quando não encontram ressonância na cultura para que possam existir de forma positiva com diferentes corpos. O menino tem uma amiga branca que é obesa e em um dado momento ele, menino negro, que sofre opressão de raça também produz discriminação em relação à sua amiga. A mãe, que é trabalhadora, pobre, e luta para a sobrevivência, se incomoda com o desejo do menino de alisar o cabelo. Faz-se uma instigante análise sobre a construção da identidade na infância e como ela é atravessada pelos modos como a sociedade concebe os corpos e a estética.

No artigo intitulado “**A árvore é da vida, o saber é ancestral, a tradição é oral: narrativas das crianças e negras quilombolas de Muquém - AL**”, os autores, *José Artur do Nascimento Silva e Julvan Moreira de Oliveira* apresentam memórias de uma



enchente em que as águas chegam até à Comunidade de Remanescentes Quilombolas de Muquém, em União dos Palmares, Alagoas, Brasil. Analisam a representação simbólica daquilo que poderia ser uma tragédia e, como bem afirmam “simbolização porque pós ‘tragédia’ que poderia ter ceifado várias vidas, mas não aconteceu, pois se transformou em obra de arte pelas mãos de uma artesã local”. O texto está direcionado ao aspecto de este acontecimento ter afetado social e educacionalmente as crianças de Muquém, pois, os saberes advindos dos mais velhos é recontado às crianças, possibilitando-lhes a construção de novos saberes por meio dos saberes tradicionais quilombolas.

A narrativa dos autores está dividida em três seções; na primeira descrevem a chegada da enchente, ocorrida em 2010, à Comunidade Quilombola de Muquém e apresentam, sinteticamente, a Comunidade, as crianças e os seus modos de brincar, de ser quilombola. Na segunda seção, trazem um diálogo do campo teórico do Imaginário, mostrando a importância que a água e as árvores possuem como elementos arquétipos para a referida Comunidade Quilombola. Por fim, narram na terceira seção, os modos de aprender das crianças, como contam e recontam memórias construídas a partir da enchente. E, como bem dizem os autores, a leitura deste artigo “é um convite a outras infâncias! Outras vidas! Outros Quilombos...”.

O artigo de *Patrícia de Souza Santana*, denominado, “**Crianças quilombolas e trabalho: reflexões a partir das vivências no Quilombo Mato do Tição – MG**”, tece análise sobre o trabalho infantil a partir das vivências das crianças do Quilombo Mato do Tição – MG. Nesse empreendimento, a autora dialoga com produções teóricas que versam sobre Quilombos, crianças quilombolas, trabalho infantil e infâncias.

Originado de uma pesquisa de doutorado, o artigo discorre sobre como o trabalho infantil (TI) atravessou três gerações de forma distinta em um quilombo na região metropolitana de Belo Horizonte, MG. *Patrícia S. Santana* procedeu observações da vida das crianças quilombolas buscando identificar os trabalhos que elas realizavam. Aliada a tais observações, a autora também contemplou depoimentos de mulheres adultas e idosas da comunidade acerca dos trabalhos que elas desenvolviam quando eram crianças.

Ao final do artigo, a autora aponta que, para as crianças da comunidade, o trabalho integrava o repertório cultural de suas infâncias, uma vez que ele se caracteriza como uma forma de inserção na vida familiar e comunitária. Já para as outras gerações do Quilombo, o trabalho tinha características de atividades exaustivas e degradantes. *Patrícia de Souza Santana* encerra o artigo apontando que, embora o trabalho infantil do tipo exploratório exista em outros quilombos e deva ser erradicado, na pesquisa realizada no Quilombo Mato do Tição, o que foi observado refere-se à uma forma de trabalho diversa da que comumente conhecemos em outras realidades e contextos.

“**As crianças pequenas da Mangueira (RJ): corpo, território e a educação para as relações raciais desde a educação infantil**”, artigo elaborado por *Míghian Danae Ferreira Nunes e Patrícia Sodré dos Santos*, aborda como os documentos legais que tratam da educação para as relações étnico-raciais podem contribuir para tessitura de práticas educativas antirracistas na educação infantil. Ambas dialogam com produções teóricas do campo das relações raciais, da educação infantil e infância, que enfatizam a



garantia do direito à educação das relações étnico-raciais desde a creche. Articulando as reflexões teóricas com empiria, as autoras apresentam práticas educativas realizadas em uma instituição de educação infantil na Mangueira, território negro localizado no Rio de Janeiro (RJ).

Após, a realização do trabalho, *Míghian Danae Ferreira Nunes e Patrícia Sodré dos Santos*, consideram que as legislações colaborem para que ações pedagógicas com bebês e crianças pequenas sejam construídas a partir das referências de seu pertencimento étnico-racial, incluindo as experiências das crianças em seus territórios. Ademais, as autoras ainda defendem que o trabalho da educação das relações étnico-raciais, na educação infantil, pode tecer práticas pedagógicas que colaborem com a construção de uma educação de qualidade e sem racismo no Brasil, alcançando as crianças pequenas.

O artigo **“Cotidiano escolar de crianças pretas praticantes de religiões de matriz africana: um diálogo entre a cruz e a espada”**, das autoras *Débora de Sousa Bastos e Ana Cristina Santos Peixoto*, traz dados parciais de uma pesquisa de mestrado em Ensino e Relações Étnico-Raciais que pretende ouvir crianças, meninos e meninas pretas candomblecistas, para saber como ocorrem as relações entre elas, as outras crianças e a instituição escolar quando a religião professada é de matriz africana. Ao abordar o tema, colocam em discussão: o racismo religioso presente nos espaços educacionais e vivenciado pelas crianças pretas e o despreparo das escolas para discuti-lo. As autoras denunciam a ausência do cumprimento das normativas legais nos espaços escolares que garantem a laicidade do Estado e apontam que a escola ainda não é espaço de experimentar o respeito à diversidade étnico-racial.

Para sustentar as afirmações acima, as autoras trazem as narrativas de três crianças, duas meninas e um menino na faixa etária dos 11 anos. As crianças apresentam uma realidade aterradora, pois, explicitam o quanto ser de religiões de matriz africana ainda é motivo de perseguição e exclusão no espaço educacional. E, ao mesmo tempo, as crianças trazem um alento, porque se colocam diante destes acontecimentos fortes, sustentadas pela fé e pelo acolhimento que suas vivências nos terreiros lhes propiciam. Assim, conseguem enfrentar o racismo religioso com altivez e confiança. O texto possibilita a quem o lê, compreender a dívida social que o Estado tem com as crianças pretas candomblecistas ou de umbanda e o quão distante ainda está a escola de ser um espaço que respeita todas as crenças religiosas.

Esperamos que os artigos que compõem essa produção contribuam com o anúncio da vida, da possibilidade de resistência, da criação e da recriação do esperar. Discutir as crianças e as infâncias negras é reconhecer que o racismo chega até elas, mas é também se orientar pelo que vem sendo realizado para defender a vida dos bebês e das crianças que junto conosco reagem e agem sobre esta realidade e constituem outras e múltiplas formas de existência.

A força e fluidez dos movimentos corporais do Ibejis aliados a harmonia dos sons dos seus tambores precisa transitar desde creches, pré-escolas, escolas até os espaços acadêmicos favorecendo práticas e pesquisas que ampliem a compreensão das relações étnico-raciais na/com as infâncias negras.



Inspiradas pelos gêmeos sagrados ajamos com autoria e compromisso para com nosso coletivo – frente a todos os tipos de mortes que querem nos impingir. Mas façamos do nosso jeito, brincando e encantando! Viva as crianças negras! Viva os Ibejis! Viva a vida do povo negro que pulsa no ritmo do brincar ancestral! Um brincar que vence a morte e celebra a vida da população negra em toda sua potência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARNEIRO, Aparecida Sueli; FISCHMANN, Roseli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. 2005. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

DEMOCRACIA VIVA. ENTREVISTA Joel Rufino dos Santos. N. 44, janeiro de 2010. Disponível em < https://ibase.br/userimages/dv_ibase_44_entrevista%2820-33%29.pdf > Acesso em 13 de julho de 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) Epistemologias do Sul. São Paulo; Editora Cortez. 2010.

Odu Ifá Otura Di. Ibejis enganam a morte.